

ANTONIO BOTTO
E A FORMA ARTISTICA DO IDEAL ESTHETICO

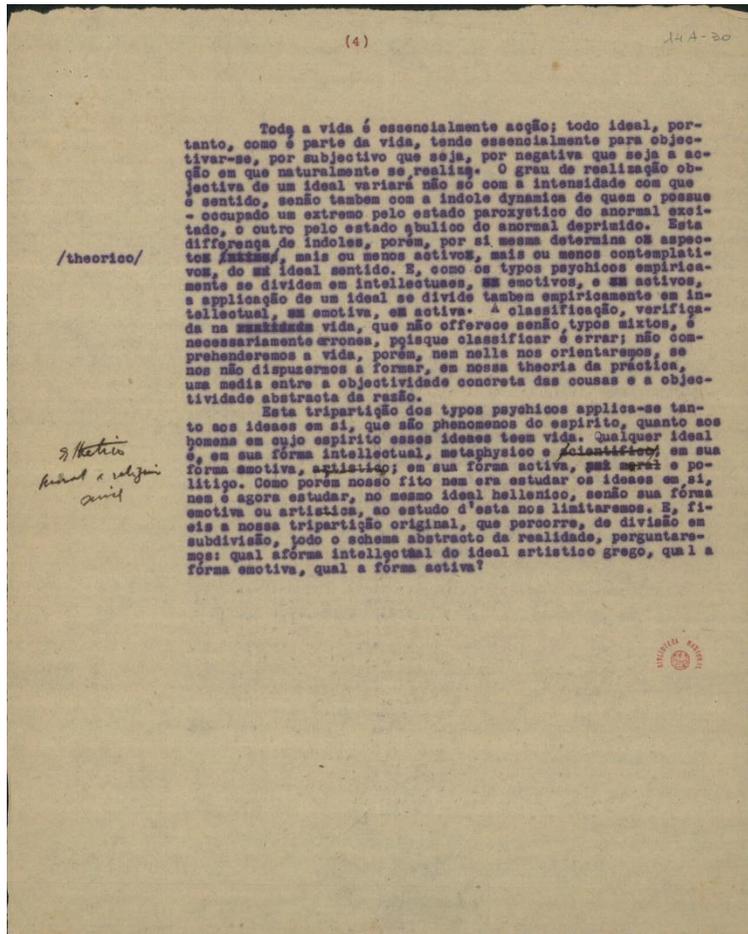
Antonio Botto é o unico portuguez, dos que hoje conhecidamente escreveram ou antes de hoje conhecidamente escreveram, a quem a designação special de estheta se pode applicar sem dissonancia. Com um perfeito instinto segue elle o ideal a que cabe o nome de ^{chamaremos} esthetic, e que é uma das fórmãs, se bem que a infima, do ideal hellenico. Segue-o, porém, a par de com o instinto, com a intelligencia, porque os ideaes gregos, como são intellectuaes, não podem ser seguidos inconscientemente.

A parte typica das composições de Antonio Botto é a que elle reuniu sob o titulo ~~Canções~~ Canções, a que devem junctar-se outros poemas, de igual natureza, compostos depois de aquellas. Essas obras são novas, poisque se não derivam, em sua essencia, do estilo ou fórma modo de poeta algum, nosso ou extranho. E, como em toda a novidade ha um ensinamento, convém porcerto á curiosidade do critico que se determine em que consiste essa novidade. Veremos que ella consiste em a fórma artistica do ideal esthetic que chamaremos esthetic, por sua natureza, como tambem veremos, inartístico, isto é inreativo. E, como assim o veremos, será pela definição de "ideal esthetic" que começaremos a demonstração. A prova residirá na coincidência da definição d'esse ideal com a substancia dos poemas typicos de Antonio Botto.

Nasce o ideal do nosso conhecimento da imperfeição da vida. Conforme o elemento da vida, em o qual deparemos a imperfeição d'ella, formaremos, por opposição a elle, nosso ideal de perfeição. São tantos esses ideaes, em sua particularidade, quantos os homens que os teem; em sua universalidade, porém, demonstravelmente se reduzem a trez.

Podemos ter qualquer cousa por imperfeita só por ella ser imperfeita: é a imperfeição que imputamos a um artefacto mal fabricado. Podemos, por contra, tel-a por imperfeita porque a imperfeição ~~resida~~ resida, não na realização, senão na essencia, d'ella. Será quantitativa ou qualitativa a differença entre a essencia da cousa que temos por imperfeita e a essencia do que consideramos perfeita - quantitativa como se dissessemos da noite, referindo-a ao dia, que é imperfeita porque é menos clara; qualitativa como se, no mesmo exemplo, dissessemos que a noite é imperfeita porque é o contrario do dia.

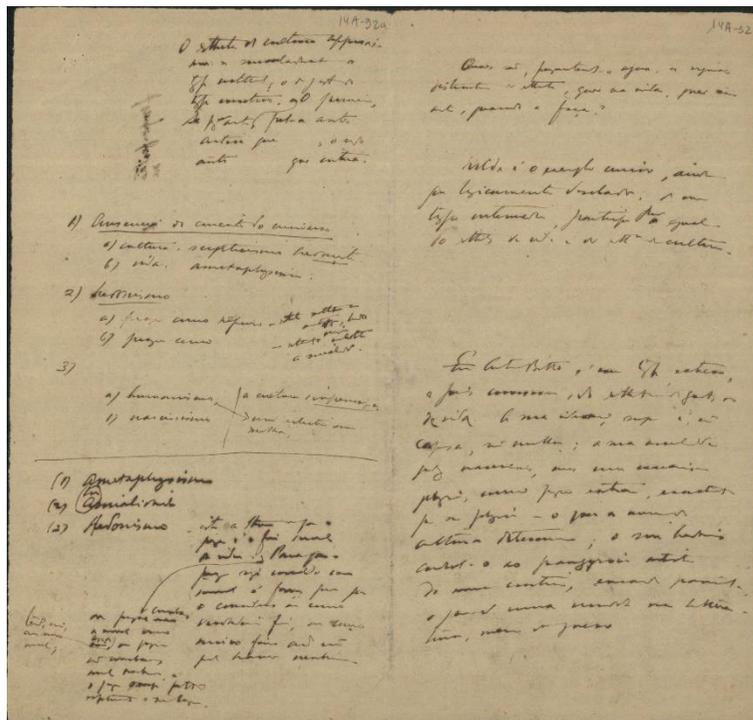
Pelo primeiro d'estes criterios, applicando-o ao conjuncto da vida, tel-a-hemos por imperfeita por nos parecer que fallece naquillo mesmo por que se define, naquillo mesmo que devera ser para ser vida. Diremos, assim, que todo o corpo é imperfeito porque não é perfeito como o corpo que é; que toda existencia é imperfeita porque, tendo por essencia a duração, não dura sempre; que todo prazer é imperfeito porque o envelhece o tedio, a que por finalidade busca furtar-se. Quem sente d'esta maneira a imperfeição da vida, quem assim a confere com ella mes-



Toda a vida é essencialmente acção; todo ideal, portanto, como é parte da vida, tende essencialmente para objectivar-se, por subjectivo que seja, por negativa que seja a acção em que naturalmente se realiza. O grau de realização objectiva de um ideal variará não só com a intensidade com que é sentido, senão também com a indole dinamica de quem o possui - occupado um extremo pelo estado paroxystico do anormal excitado, o outro pelo estado abulico do anormal deprimido. Esta differença de indoles, porém, por si mesma determina os aspectos ~~intimos~~ theoreticos, mais ou menos activos, mais ou menos contemplativos do ~~de~~ ideal sentido. E, como os typos psychicos empiricamente se dividem em intellectuales, em emotivos, e em activos, a applicação de um ideal se divide também empiricamente em intellectual, em emotiva, e em activa. A classificação, verificada na realidade da vida, que não offerece senão typos mixtos, é necessariamente erronea, porque classificar é errar; não comprehendemos a vida, porém, nem nella nos orientaremos, se nos não dispusermos a formar, em nossa theoria da practica, uma media entre a objectividade concreta das cousas e a objectividade abstracta da razão.

Esta tripartição dos typos psychicos applica-se tanto aos ideaes em si, que são phenomenos do espirito, quanto aos ideaes em si, que são phenomenos do espirito esses ideaes teem vida. Qualquer ideal é, em sua fôrma intellectual, metaphysico e ~~scientifico~~ esthetico, em sua fôrma emotiva, ~~artístico~~ moral e religioso; em sua fôrma activa, ~~pol moral~~ social e politico. Como porém nosso fito nem era estudar os ideaes em si, nem é agora estudar, no mesmo ideal hellenico, senão sua fôrma emotiva ou artistica, ao estudo d'esta nos limitaremos. E, fieis a nossa tripartição original, que percorre, de divisão em subdivisão, todo o schema abstracto da realidade, perguntaremos: qual a fôrma intellectual do ideal artistico grego, qual a fôrma emotiva, qual a fôrma activa?

BNP/E3, 14A - 32^r-32a^r



Transcrição

Quaes são, perguntemol-o agora, os signaes distinctivos do estheta, quer na vida, quer na arte, quando a faça?

Wilde é o exemplo unico, ainda que logicamente desolador, de esse typo intermedio, participa e por equal do estheta de vida e do estheta de cultura.

Em Antonio Botto é um typo extremo, e porisso commum, do estheta de gosto ou de vida. A sua ideação sempre é, não confusa, senão nulla; a sua masculinidade produz narcisismo, mas um narcisismo physico, curioso porque extremo, exactamente por ser physico - o que o modo da cultura determina; o seu hedonismo condul-o ao panegyrismo artistico |*do mesmo contrario, encarado passivamente|, o que de uma verdade era litteratura, mesmo do genero {...}

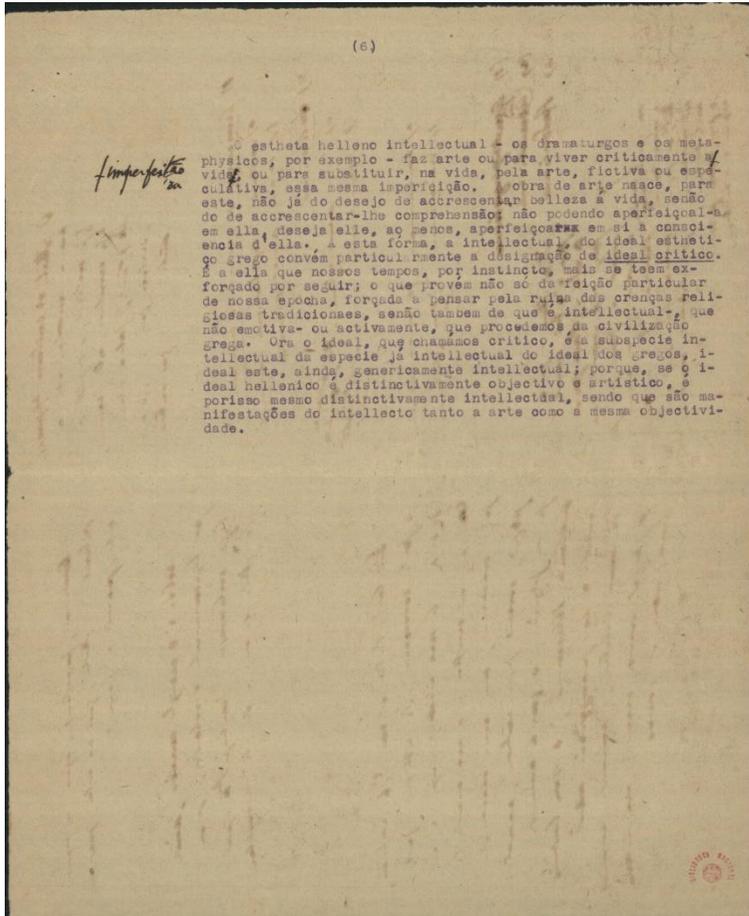
O estheta da cultura approxima-se semelhantemente do typo intellectual; o de gosto do typo emotivo. Se fazem arte, o primeiro, fal-a antes critica que {...}; o segundo antes {...} que critica.

- 1) Ausencia do conceito de universo
- a) cultura: scepticismo |hedonista|.
- b) vida: ametaphysica.

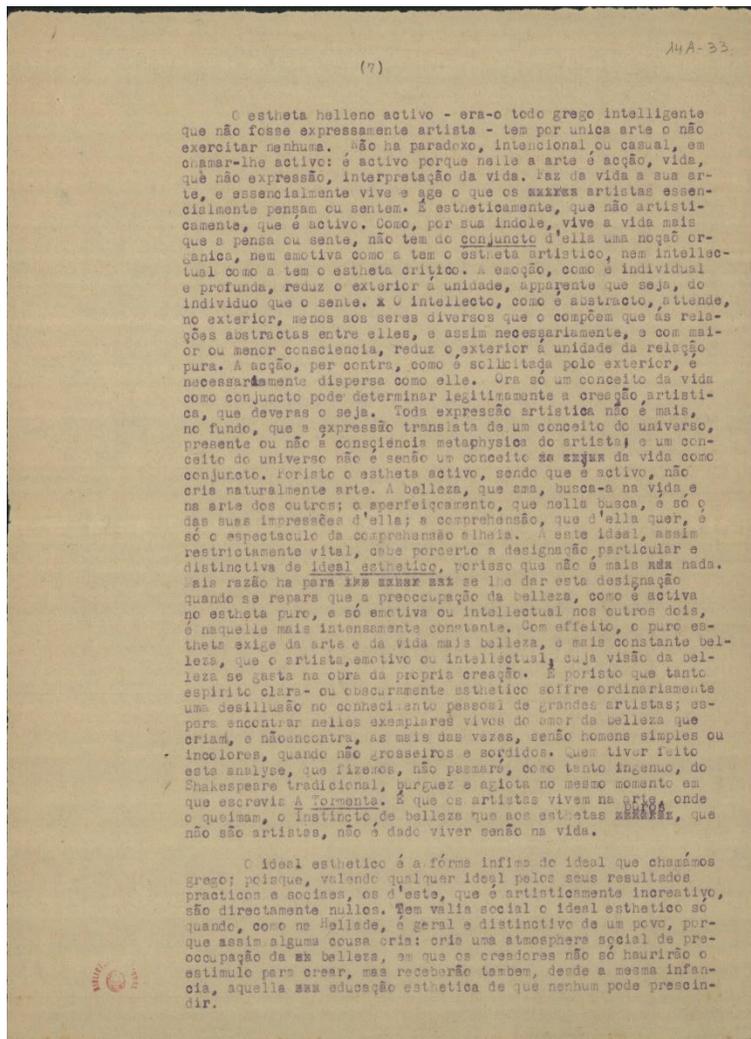
- 2) Hedonismo
- a) prazer como repouso - estheta |*simultaneamente sem metaphysica, hedonista curioso|
- b) prazer como {...} - estheta |*† a socialidade|

- 3) {...}
- a) humanismo | um selectivo sem escolha
- b) narcisismo | a cultura impessoaliza.

-
- (1) Ametaphysismo
 - (2) A^{In}socialidade
 - (3) Hedonismo - isto a these de que o prazer é o fim moral da vida ou porque ~~nos~~ concebemos a moral como ~~isso~~ essa tendo, assim, um senso moral; ou porque não concebemos moral nenhuma, e o fazemos ocupar portanto respectivamente o seu logar. Para que o prazer seja concebido como moral é forçoso pois que o consideremos ou como verdadeiro fim, ou como unico fim onde não pode haver nenhum.



O estheta helleno intellectual - os dramaturgos e os metaphysicos, por exemplo - faz arte ou para viver criticamente a imperfeição da vida, ou para substituir, na vida, pela arte, fictiva ou especulativa, essa mesma imperfeição. A obra de arte nasce, para este, não já do desejo de accrescentar belleza á vida, senão do de accrescentar-lhe comprehensão; não podendo aperfeiçoar-a em si a consciencia d'ella. A esta fórma, a intellectual, do ideal esthetico grego convém particularmente a designação de *ideal critico*. É a ella que nossos tempos, por instincto, mais se teem exforçado por seguir; o que provém não só da feição particular de nossa epocha, forçada a pensar pela ruina das crencas religiosas tradicionaes, senão tambem de que é intellectual, que não emotiva- ou activamente, que procedemos da civilização grega. Ora o ideal, que chamamos critico, é a subespecie intellectual da especie já intellectual do ideal dos gregos, ideal este, ainda, genericamente intellectual; porque, se o ideal hellenico é distinctivamente objectivo e artistico, e porisso mesmo distinctivamente intellectual, sendo que são manifestações do intellecto tanto a arte como a mesma objectividade.



M A - 33

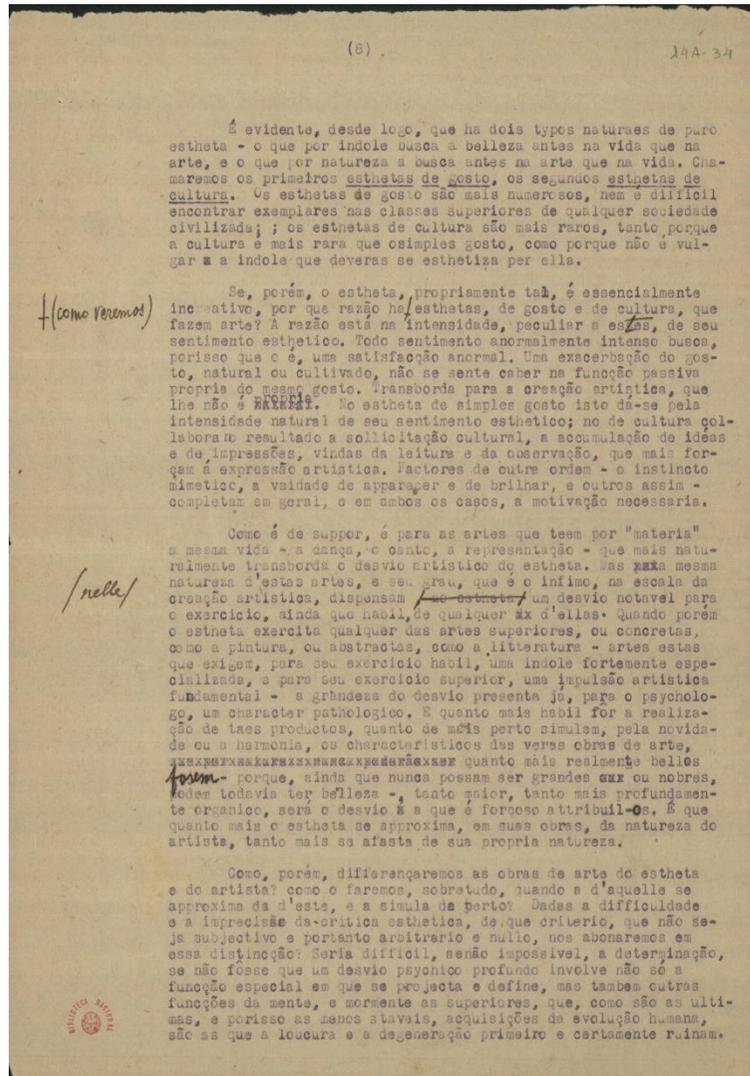
(7)

O estheta helleno activo - era-o todo grego intelligente que não fosse expressamente artista - tem por unica arte o não exercitar nenhuma. Não ha paradoxo, intencional ou casual, em chamar-lhe activo: é activo porque nelle a arte é acção, vida, que não expressão, interpretação da vida. Faz da vida a sua arte, e essencialmente vive e age o que os outros artistas essencialmente pensam ou sentem. É estheticamente, que não artisticamente, que é activo. Como, por sua indole, vive a vida mais que a pensa ou sente, não tem do conjuncto d'ella uma noção organica, nem emotiva como a tem o estheta artistico, nem intellectual como a tem o estheta critico. A emoção, como é individual e profunda, reduz o exterior á unidade, apparente que seja, do individuo que o sente. A O intellecto, como é abstracto, attende, no exterior, menos aos seres diversos que o compõem que ás relações abstractas entre elles, e assim necessariamente, e com maior ou menor consciencia, reduz o exterior á unidade da relação pura. A acção, per contra, como é sollicitada pelo exterior, é necessariamente dispersa como elle. Ora só um conceito da vida como conjuncto pode determinar legitimamente a criação artistica, que deveras o seja. Toda expressão artistica não é mais, no fundo, que a expressão translata de um conceito do universo, presente ou não á consciencia metaphysica do artista; e um conceito do universo não é senão um conceito de conjuncto da vida como conjuncto. Poristo o estheta activo, sendo que é activo, não cria naturalmente arte. A belleza, que ama, busca-a na vida e na arte dos outros; o aperfeiçoamento, que nella busca, é só o das suas impressões d'ella; a comprehensão, que d'ella quer, é só o do espectáculo da comprehensão alheia. A este ideal, assim restrictamente vital, cabe porcerto a designação particular e distinctiva de ideal esthetic, porisso que não é mais nada. Mais razão ha para ~~lhe saber est~~ se lhe dar esta designação quando se repara que a preocupação da belleza, como é activa no estheta puro, e só emotiva ou intellectual nos outros dois, é naquelle mais intensamente constante. Com effeito, o puro estheta exige da arte e da vida mais belleza, e mais constante belleza, que o artista, emotivo ou intellectual, cuja visão da belleza se gasta na obra da propria criação. É poristo que tanto espirito clara- ou obscuramente esthetic soffre ordinariamente uma desillusão no conhecimento pessoal de grandes artistas; espera encontrar nelles exemplares vivos do amor da belleza que criam, e não encontra, as mais das vezes, senão homens simples ou incolores, quando não grosseiros e sordidos. Quem tiver feito esta analyse, que fizemos, não pasmará, como tanto ingenuo, do Shakespeare tradicional, burguez e agiota no mesmo momento em que escrevia *A Tormenta*. É que os artistas vivem na arte, onde o queimam, o instincto de belleza que aos esthetas ~~menores~~ puros, que não são artistas, não é dado viver senão na vida.

O ideal esthetic é a fôrma infima do ideal que chamámos grego; porque, valendo qualquer ideal pelos seus resultados practicos e sociaes, os d'este, que é artisticamente inreactivo, são directamente nullos. Tem valia social o ideal esthetic só quando, como na Hellade, é geral e distinctivo de um povo, porque assim alguma cousa cria: cria uma atmosphaera social de preocupação da ~~em~~ belleza, em que os creadores não só haurirão o estímulo para crear, mas receberão tambem, desde a mesma infancia, aquella ~~em~~ educação esthetica de que nenhum pode prescindir.

O estheta helleno activo - era-o todo grego intelligente que não fosse expressamente artista - tem por unica arte o não exercitar nenhuma. Não há paradoxo, intencional ou casual, em chamar-lhe activo: é activo porque nelle a arte é acção, vida, que não expressão, interpretação da vida. Faz da vida a sua arte, e essencialmente vive e age o que os outros artistas essencialmente pensam ou sentem. É estheticamente, que não artisticamente, que é activo. Como, por sua indole, vive a vida mais que a pensa ou sente, não tem do conjuncto d'ella uma noção organica, nem emotiva como a tem o estheta artistico, nem intellectual como a tem o estheta critico. A emoção, como é individual e profunda, reduz o exterior á unidade, apparente que seja, do individuo que o sente. A O intellecto, como é abstracto, attende, no exterior, menos aos seres diversos que o compõem que ás relações abstractas entre elles, e assim necessariamente, e com maior ou menor consciencia, reduz o exterior á unidade da relação pura. A acção, per contra, como é sollicitada pelo exterior, é necessariamente dispersa como elle. Ora só um conceito da vida como conjuncto pode determinar legitimamente a criação artistica, que deveras o seja. Toda a expressão artistica não é mais, no fundo, que a expressão translata de um conceito do universo, presente ou não á consciencia metaphysica do artista; e um conceito do universo não é senão um conceito ~~de conjun~~ da vida como conjuncto. Poristo o estheta activo, sendo que é activo, não cria naturalmente arte. A belleza, que ama, busca-a na vida e na arte dos outros; o aperfeiçoamento, que nella busca, é só o das suas impressões d'ella; a comprehensão, que d'ella quer, é só o do espectáculo da comprehensão alheia. A este ideal, assim restrictamente vital, cabe porcerto a designação particular e distinctiva de ideal esthetic, porisso que não é mais nada. Mais razão ha para ~~lhe saber est~~ se lhe dar esta designação quando se repara que a preocupação da belleza, como é activa no estheta puro, e só emotiva ou intellectual nos outros dois, é naquelle mais intensamente constante. Com effeito, o puro estheta exige da arte e da vida mais belleza, e mais constante belleza, que o artista, emotivo ou intellectual, cuja visão da belleza se gasta na obra da propria criação. É poristo que tanto espirito clara- ou obscuramente esthetic soffre ordinariamente uma desillusão no conhecimento pessoal de grandes artistas; espera encontrar nelles exemplares vivos do amor da belleza que criam, e não encontra, as mais das vezes, senão homens simples ou incolores, quando não grosseiros e sordidos. Quem tiver feito esta analyse, que fizemos, não pasmará, como tanto ingenuo, do Shakespeare tradicional, burguez e agiota no mesmo momento em que escrevia *A Tormenta*. É que os artistas vivem na arte, onde o queimam, o instincto de belleza que aos esthetas ~~menores~~ puros, que não são artistas, não é dado viver senão na vida.

O ideal esthetic é a fôrma infima do ideal que chamámos grego; porque, valendo qualquer ideal pelos seus resultados practicos e sociaes, os d'este, que é artisticamente inreactivo, são directamente nullos. Tem valia social o ideal esthetic só quando, como na Hellade, é geral e distinctivo de um povo, porque assim alguma cousa cria: cria uma atmosphaera social de preocupação da ~~em~~ belleza, em que os creadores não só haurirão o estímulo para crear, mas receberão tambem, desde a mesma infancia, aquella ~~em~~ educação esthetica de que nenhum pode prescindir.

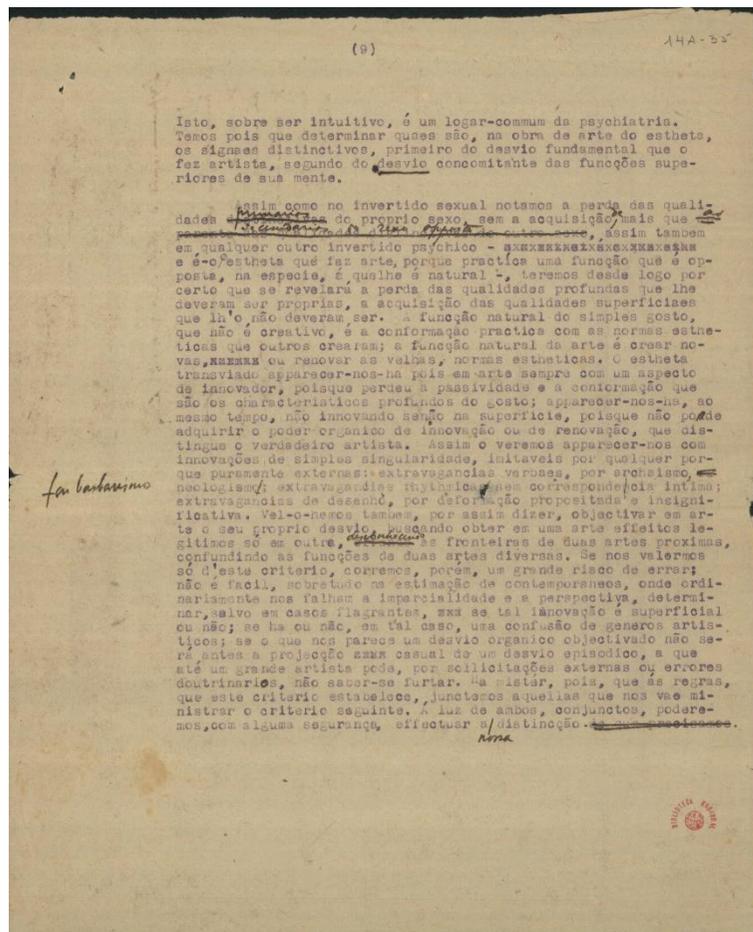


É evidente, desde logo, que ha dois typos naturaes de puro estheta - o que por indole busca a belleza antes na vida que na arte, e o que por natureza a busca antes na vida. Chamaremos os primeiros *esthetas de gosto*, os segundos *esthetas de cultura*. Os esthetas de gosto são mais numerosos, nem é difficil encontrar exemplares nas classes superiores de qualquer sociedade civilizada; os esthetas de cultura são mais raros, tanto porque a cultura é mais rara que o simples gosto, como porque não é vulgar e a indole que deveras se esthetiza per ella.

Se, porém, o estheta, propriamente tal, é essencialmente incoativo, por que razão ha (como veremos) esthetas, de gosto e de cultura, que fazem arte? A razão está na intensidade, peculiar a estes, de seu sentimento esthetico. Todo sentimento anormalmente intenso busca, porisso que o é, uma satisfação anormal. Uma exacerbação do gosto, natural e cultivado, não se sente caber na função passiva propria do mesmo gosto. Transborda para a criação artistica, que lhe não é ~~natural~~ propria. No estheta de simples gosto isto dá-se pela intensidade natural de seu sentimento esthetico; no de cultura collabora no resultado a sollicitação cultural, a accumulção de idéas e de impressões, vindas da leitura e da observação, que mais forçam á expressão artistica. Factores de outra ordem - o instincto mimetico, a vaidade de apparecer e de brilhar, e outros assim - completam em geral, e em ambos os casos, a motivação necessaria.

Como é de suppor, é para as artes que teem por "materia" a mesma vida - a dança, a representação - que mais naturalmente transborda o desvio artistico do estheta. Mas ~~pela~~ mesma natureza d'estas artes, e seu grau, que é o infimo, na escala da criação artistica, dispensam ~~ao estheta~~, nelle um desvio notavel para o exercicio, ainda que habil, de qualquer ~~e~~ d'ellas. Quando porém o estheta exercita qualquer das artes superiores, ou concretas, como a pintura, ou abstractas, como a litteratura - artes estas que exigem, para seu exercicio habil, uma impulsão artistica fundamental - a grandeza do desvio presenta já, para o psychologo, um character pathologico. E quanto mais habil fôr a realização de taes productos, quanto de mais perto simulem, pela novidade ou a harmonia, os caracteristicos das veras obras de arte, ~~que por naturaes nunca poderão ser~~ quanto mais realmente bellos fossem - porque, ainda que nunca possam ser grandes ~~ou~~ ou nobres, podem todavia ter belleza -, tanto maior, tanto mais profundamente organico, será o desvio e a que é forçoso attribuil-os. É que quanto mais o estheta se aproxima, em suas obras, da natureza do artista, tanto mais se afasta da sua propria natureza.

Como, porém, differençaremos as obras de arte do estheta e do artista? como o faremos, sobretudo, quanto a d'aquelle se aproxima da d'este, e a simula de perto? Dadas a difficuldade e a imprecisão da critica esthetica, de que criterio, que não seja subjectivo e portanto arbitrario e nullo, nos abonaremos em essa distincção? Seria difficil, senão impossivel, a determinação, se não fôsse que um desvio psychico profundo envolve não só a função especial em que se projecta e define, mas tambem outras funções da mente, e mormente as superiores, que, como são as ultimas, e porisso as menos staveis, aquisições da evolução humana, são as que a loucura e a degeneração primeiro e certamente ruina.



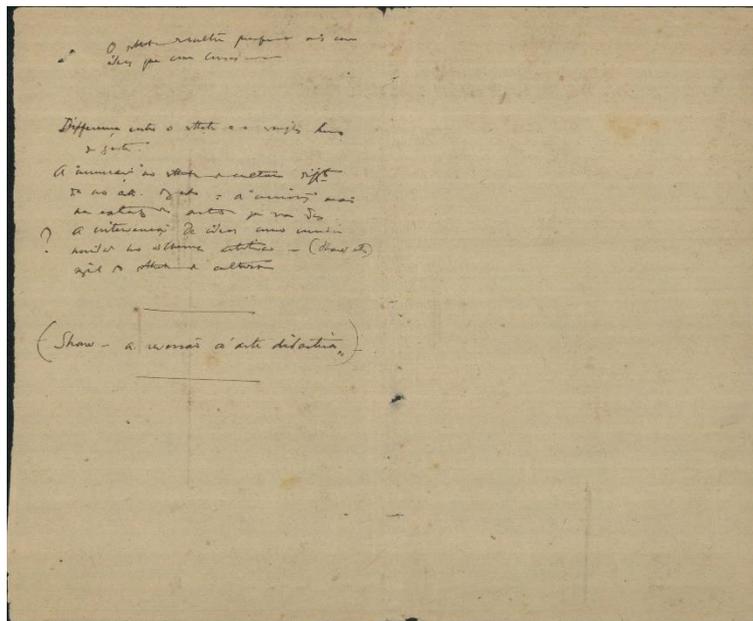
Isto, sobre ser intuitivo, é um logar-commun da psychiatria. Temos pois que determinar quaes são, na obra de arte do estheta, os signaes distinctivos, primeiro do desvio fundamental que fez o artista, segundo do *desvio* concomitante das funções superiores de sua mente.

Assim como no invertido sexual notamos a perda das qualidades ~~distinctivas~~ primarias do proprio sexo, sem a aquisição de mais que ~~apparente das qualidades distinctivas de outro sexo~~ as secundarias do sexo opposto, assim tambem em qualquer outro invertido psychico - ~~e o esthet é o que esth e é-o o e~~ estheta que faz arte, porque practica uma função que é opposta, na especie, á que lhe é natural-, teremos desde logo por certo que se revelará a perda das qualidades profundas que lhe deveram ser proprias, a aquisição das qualidades superficiaes que lh'o não deveram ser. A função natural do simples gosto, que não é creativo, é a conformação practica com as normas estheticas que outros crearam; a função natural da arte é crear novas, ~~normas~~ ou renovar as velhas, normas estheticas. O estheta transviado apparecer-nos-ha pois em arte sempre com um aspecto innovador, poisque perdeu a passividade e a conformação que são os caracteristicos profundos do gosto; apparecer-nos-ha, ao mesmo tempo, não innovando senão na superficie, poisque não ~~pode~~ adquirir o poder organico de innovação ou de renovação, que distingue o verdadeiro artista. Assim o veremos apparecer-nos com innovações de simples singularidade, imitaveis por qualquer porque puramente externas: extravagancias verbaes, por archaismo, ~~ex~~ neologismo ou barbarismo; extravagancias rhythmicas sem correspondencia intima; extravagancias de desenho, por deformação propositada e insignificativa. Vel-o-hemos tambem, por assim dizer, objectivar em arte o seu proprio desvio, buscando obter em uma arte efeitos legitimos só em outra, ~~errando~~ desconhecendo as fronteiras de duas artes proximas, confundindo as funções de duas artes diversas. Se nos valermos só d'este criterio, correremos, porém, um grande risco de errar; não é facil, sobretudo na estimacão de contemporaneos, onde ordinariamente nos falham a imparcialidade e a perspectiva, determinar, salvo em casos flagrantos, ~~onde~~ se tal innovação é superficial ou não; se ha ou não, em tal caso, uma confusão de generos artisticos; se o que nos parece um desvio organico objectivado não será antes a projecção ~~casual~~ casual de um desvio episodico, a que até um grande artista pode, por sollicitações externas ou erros doutrinaris, não saber-se furtar. Ha mistér, pois, que ás regras, que este criterio estabelece, junctemos aquellas que nos vae ministrar o criterio seguinte. Á luz de ambos, conjunctos, poderemos, com alguma segurança, effectuar a nossa distincção. ~~de que precisamos.~~

MODERNISMO

Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

BNP/E3, 14A - 35v



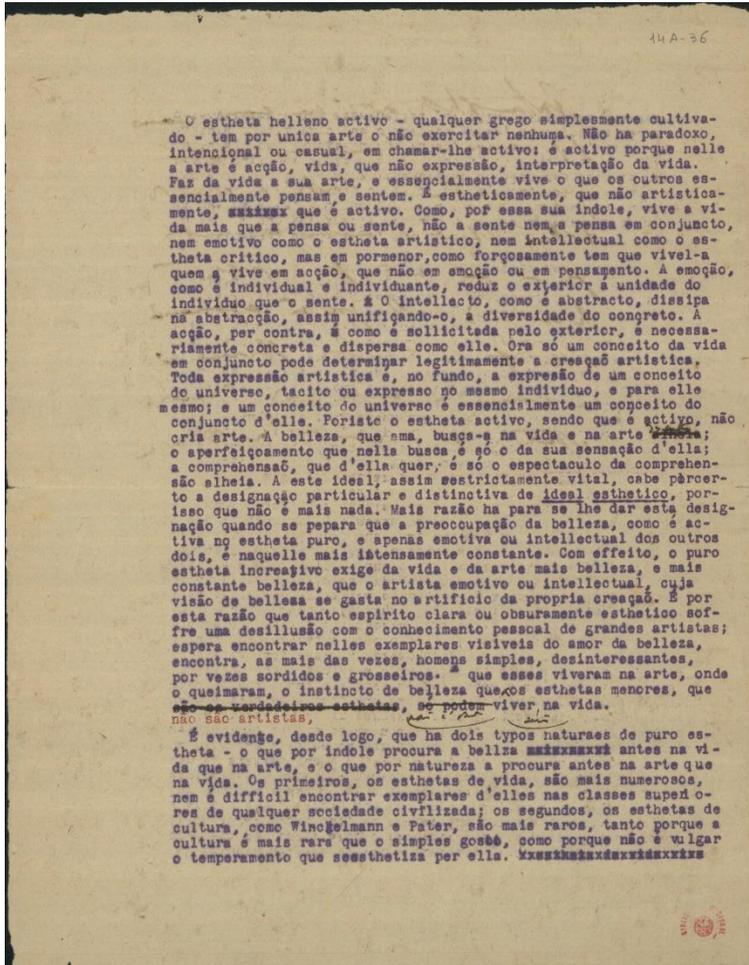
Transcrição

O estheta de cultura propriamente mais com ideas que com cousas {...}

Diferença entre o estheta e o simples homem de gosto.

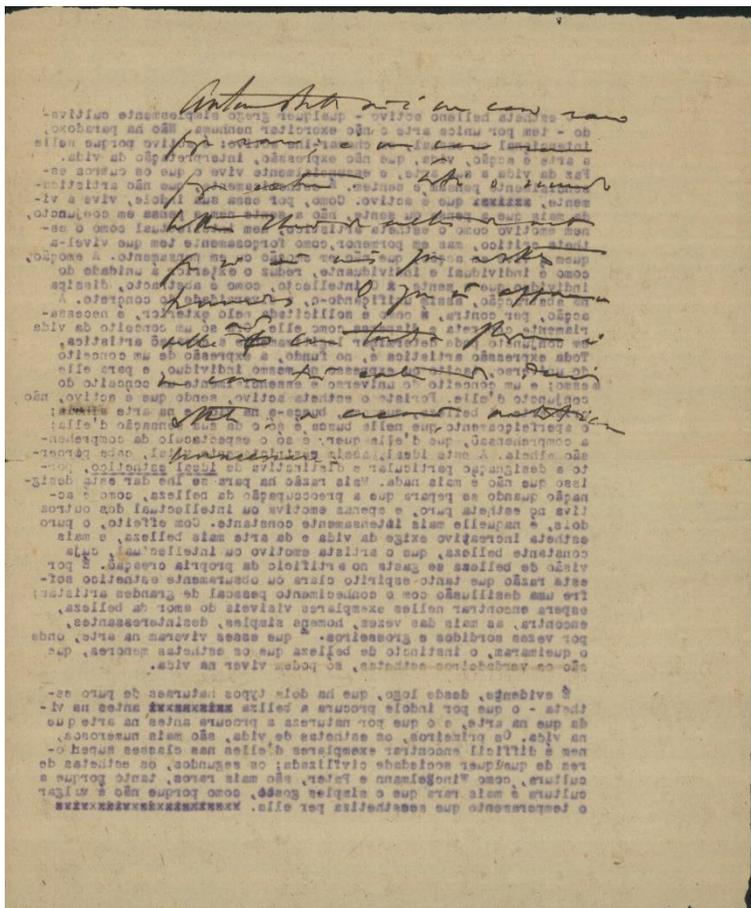
A "inovação" do estheta de cultura diferente da do estheta de gosto: a "inovação" mais na estranheza dos sentimentos que na das {...} |a intervenção de ideas como unica novidade do schema artistico| - (Shaw etc) signal do estheta de cultura.

|Shaw - reversão á arte didactica. |



O estheta helleno activo - qualquer grego simplesmente cultivado - tem por unica arte o não exercitar nenhuma. Não ha paradoxo, intencional ou casual, em chamar-lhe activo: é activo porque nella a arte é acção, vida, que não expressão, interpretação da vida. Faz da vida a sua arte, e essencialmente vive o que os outros essencialmente pensam e sentem. É esteticamente, que não artisticamente, ~~estheta~~ que é activo. Como, por essa sua indole, vive a vida mais que a pensa ou sente, não a sente nem a pensa em conjunto, nem emotivo como o estheta artistico, nem intellectual como o estheta critico, mas em pormenor, como forçosamente tem que viver-a quem a vive em acção, que não em emoção ou em pensamento. A emoção, como é individual e individuante, reduz o exterior á unidade do individuo que o sente. O intellecto, como é abstracto, dissipa na abstracção, assim unificando-o, a diversidade do concreto. A acção, per contra, é como é solicitada pelo exterior, é necessariamente concreta e dispersa como elle. Ora só um conceito da vida em conjunto pode determinar legitimamente a creação artistica. Toda expressão artistica é, no fundo, a expressão de um conceito do universo, tacito ou expresso no mesmo individuo, e, para elle mesmo; e um conceito do universo é essencialmente um conceito do conjunto d'elle. Poristo o estheta activo, sendo que é activo, não cria arte. A belleza, que ama, busca-a na vida e na arte ~~alheia~~ dos outros; o aperfeiçoamento que nella busca é só o da sua sensação d'ella; a comprehensão, que d'ella quer, é só o espectáculo da comprehensão alheia. A este ideal, assim restrictamente vital, cabe porcerto a designação particular e distinctiva de *ideal esthetic*, porisso que não é mais nada. Mais razão ha para se lhe dar esta designação quando se prepara que a preocupação da belleza, como é activa no estheta puro, e apenas emotiva ou intellectual dos outros dois, é naquelle mais intensamente constante. Com effeito, o puro estheta increativo exige da vida e da arte mais belleza, e mais constante belleza, que o artista emotivo ou intellectual, cuja visão de belleza se gasta no artificio da propria creação. É por esta razão que tanto espirito clara ou obscuramente esthetic soffre uma desillusão com o conhecimento pessoal de grandes artistas; espera encontrar nelles exemplares visiveis do amor da belleza, encontra, as mais das vezes, homens simples, desinteressantes, por vezes sordidos e grosseiros. É que esses viveram na arte, onde o queimaram, o instincto de belleza que aos esthetas menores, que ~~são os verdadeiros esthetas~~ não são artistas, ~~se podem~~ não é dado viver senão na vida.

É evidente, desde logo, que ha dois typos naturaes de puro estheta - o que por indole procura a belleza ~~mais na vi~~ antes na vida que na arte, e o que por natureza a procura antes na arte que na vida. Os primeiros, os esthetas de vida, são mais numerosos, nem é difficil encontrar exemplares d'elles nas classes superiores de qualquer sociedade civilizada; os segundos, os esthetas de cultura, como Winckelmann e Pater, são mais raros, tanto porque a cultura é mais rara que o simples gosto, como porque não é vulgar o temperamento que se esthetiza por ella. ~~O estheta da vida vive~~



Antonio Botto não é um caso raro porque raro; é um caso raro porque extremo. Isto é o mundo litterario ideado da cultura da arte por não sêr mais que estheta pensador. O que só apparece nelle e ainda com tanto fulgor é um caso tão extremo do dominio esthetic, a criação artistica inecessaria.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).